

**A IMPROVISAÇÃO E O *JOURNAL OF MUSIC THERAPY*:
HOUE UM PERÍODO DE “SURDEZ” DA COMUNIDADE MUNDIAL
EM RELAÇÃO AO MÉTODO?**

***THE IMPROVISATION AND THE JOURNAL OF MUSIC THERAPY:
HAS THE WORLD COMMUNITY EXPERIENCED A PERIOD OF
“DEAF” IN RELATION TO THE METHOD?***

Melyssa Woituski¹, André Brandalise², Gustavo Gattino³

Resumo: O propósito desse trabalho foi o de oferecer uma revisão sistemática nas publicações do *Journal of Music Therapy* (JMT) desde seu início (1964) até os dias atuais. Doze artigos foram analisados no sentido de entender qual a população atendida, o *setting*, instrumentos utilizados, tipos de análise, objetivos e resultados obtidos sobre improvisação na musicoterapia. Este estudo demonstrou que há um espaço entre a criação da musicoterapia improvisacional (1959) e o início das publicações no *Journal of Music Therapy* (1988), e que há um foco no comportamento e não na análise do material criativo-musical produzido pela relação terapêutica.

Palavras-chave: improvisação, musicoterapia, revisão sistemática, *Journal of Music Therapy*.

Abstract: The purpose of this study was to provide a systematic review in the publications of the *Journal of Music Therapy* since its beginning (1964) until the present day. Twelve articles were selected and analyzed in order to understand what the population served, the setting, instruments used, types of analysis, objectives and results of improvisation in music therapy. This study has demonstrated that there is a space between creation of improvisational music therapy (1959) at the beginning of publications on *Journal of Music Therapy* (1988), and that there is a focus on behavior and not in the analysis of the creative musical material produce by the therapeutic relationship.

Keywords: improvisation, music therapy, systematic review, *Journal of Music Therapy*.

¹ Especialização em Musicoterapia pela Faculdade de Candeias. Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2229328112606956>. mellwoituski@gmail.com

² Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0932856132027916>. andre.brandalise@temple.edu

³ Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4761296298954336>. gustavogattino@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A escrita deste artigo é uma combinação da experiência de 6 anos em educação musical com a experiência na clínica da musicoterapia músico-centrada com pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). Outro motivador foi a curiosidade sobre como se poderia improvisar com alunos e com pacientes, os objetivos, as análises e os resultados. Através de uma revisão do *Journal of Music Therapy* (desde o início em 1964, até os dias atuais), foi conduzida uma análise sobre algumas perspectivas acerca de improvisação em musicoterapia e sobre o seu papel no espaço clínico.

A literatura da musicoterapia apresenta o tema improvisação como técnica ou como método. Barcellos (1992), apresenta a improvisação livre, ou improvisação orientada como técnica musicoterápica. Observando que a improvisação se aplica a todo o processo de desenvolvimento para promover a expressão. Para Bruscia (1998), a improvisação é um método de musicoterapia. Improvisar proporciona habilidades e aplicações diferentes da execução de uma composição. Um método é um tipo particular de experiência musical, onde o cliente se engaja com propósitos terapêuticos, podendo ainda usar diferentes técnicas: oferecer base, oferecer sustentação rítmica, utilizar o espelhamento entre outros.

O método de improvisação foi aplicado por vários dos pioneiros da musicoterapia mundial (BONNY, 1978 a, 1978b; NORDOFF & ROBBINS, 1977, 1992; PRIESTLEY, 1996). Este método também é bastante significativo na prática e na teoria da chamada segunda geração de musicoterapeutas (ALGEN, 1997, 1998; ANSDELL, 1995; LEE, 1996, TURRY, 2006) e das gerações atuais (BRANDALISE, 2001; PIAZZETTA, 2006; CARPENTE, 2009; GATTINO, 2011).

No IX Congresso Mundial de Musicoterapia realizado em 1999 em Washington, nos Estados Unidos, foram reconhecidos pela comunidade mundial de musicoterapeutas cinco modelos teóricos de musicoterapia. São eles: o modelo Nordoff-Robbins ou Musicoterapia Criativa, desenvolvido pelo músico Paul Nordoff e pelo educador Clive Robbins em 1959 nos Estados Unidos e na Inglaterra, o modelo de musicoterapia analítica, sistematizado por Mary Priestley

em 1960 na Inglaterra, o modelo Behaviorista sistematizado por Clifford Madsen nos Estados Unidos em 1968, o modelo GIM (*Guided Imagery and Music*), criado pela musicista Helen Bonny na década de 70 nos Estados Unidos e o modelo Benenzon com base na psicanálise na década de 80 pelo psiquiatra Rolando Benenzon.

Clive Robbins e Paul Nordoff (1977) são pioneiros na musicoterapia criativa e de improvisação. Construíram a abordagem conhecida como Musicoterapia Criativa ou Nordoff-Robbins. A Musicoterapia Criativa, contudo, relaciona-se com a música para estabelecer uma comunicação entre o paciente e o terapeuta por meio de vários instrumentos. Esses pensamentos sobre música em musicoterapia estão ligados aos pesquisadores formados na musicoterapia criativa e embasam as construções teóricas da musicoterapia Músico-Centrada.

O livro *Musicoterapia Músico-Centrada* (BRANDALISE, 2001) apresenta uma sistematização do modelo *Music-centered* trazendo as bases filosóficas e teóricas da música como fundamentações para uma teoria da musicoterapia. Nessa abordagem o processo musicoterapêutico ocorre em um equilíbrio, onde a música pode ser trabalhada compondo um triângulo entre o paciente, o terapeuta e a música.

Uma das possíveis funções da improvisação em musicoterapia é a da utilização da música como facilitadora da comunicação, onde pode ter um papel de estimular a expressão de emoções e sentimentos. O método pode proporcionar contato entre terapeuta, paciente e música sem que haja a necessidade do uso da linguagem verbal.

MUSICOTERAPIA

1. PERGUNTAS DA PESQUISA

Desde quando há publicações sobre improvisação no *Journal of Music Therapy* (JMT) e que países estão envolvidos?

Quais são as diferentes utilizações do método improvisação?

Houve análise das improvisações, como foram realizadas?

2. METODOLOGIA

2.1 Método de busca

Foi conduzida uma busca nos arquivos eletrônicos do *Journal of Music Therapy* desde o ano de sua fundação (1964) até o presente momento.

2.2 Critérios de inclusão

Foram incluídos artigos que contivessem no título a palavra improvisação, entendendo ser para esses autores a improvisação tema principal do artigo. Foram incluídos artigos que descreveram, pesquisa clínica e teoria sobre o tópico.

3. RESULTADOS

A busca abrangeu as publicações do JMT desde seu ano inaugural (1964) até os dias atuais. Foram selecionados 12 artigos. As publicações foram realizadas por autores de diversos países, sendo eles: Estados Unidos (seis estudos), Coréia (um estudo), África (um estudo), Israel (um estudo), Austrália (um estudo). Foi possível detectar também trabalhos que envolveram uma associação entre países: Estados Unidos, Dinamarca, Israel, Noruega, Coréia (um estudo), Dinamarca e Noruega (um estudo).

Os artigos apresentaram diversidade clínica, ou seja, variaram em termos de intervenções e resultados verificados. Os estudos variaram também em termos de propostas de pesquisa, o que mostra diferenças metodológicas.

O início das publicações sobre improvisação, no JMT, se dá somente no final da década de 80, mais especificamente em 1988. Talvez isso se explique pelo fato de o início da musicoterapia nos EUA ter sido voltada para a teoria comportamental através da fundação do primeiro curso de formação em musicoterapia que foi criado na *Michigan State University*, em 1944 e a fundação da primeira organização política que é a *National Association for Music Therapy* (1950), ambos com foco comportamental (GOODMAN, 2011). No entanto, sabemos que

foi desde 1959 que começou a atuar no cenário da musicoterapia mundial a *Creative Music Therapy* (Nordoff-Robbins) de cunho humanista e improvisacional. O primeiro artigo publicado pelo JMT que divulga o trabalho improvisacional do modelo Nordoff-Robbins foi publicado somente em 1994.

Chama a atenção o fato de o tema improvisação receber espaço no JMT no final da década de 80 e de apresentar uma frequência de somente 3 publicações na década de 90. A partir da primeira década do ano 2000, essa frequência já dobra para seis artigos publicados, o que pode refletir uma maior divulgação das abordagens clínicas improvisacionais e formações da costa leste americana (New York University, NY e Temple University, Filadélfia).

Pode-se perceber que as publicações são todas da América do Norte, Ásia, Europa, África e Oceânia, no entanto, não apresenta nenhum trabalho Latino americano. Talvez isso possa ser explicado pela dificuldade de escrever em inglês, já que as publicações no JMT são escritas nesse idioma. Outra possível razão pode estar relacionada a ainda não significativa divulgação do periódico via associações de musicoterapia e centros de formação de musicoterapeutas na América Latina. Há um estudo que inclui uma parceria de trabalho de improvisação realizado no Brasil (GERETSEGGER, HOLCK, CARPENTE, ELEFANT, KIM, GOLD, 2015).

Quanto à população, nota-se que não há uma variedade de condições e demandas atendidas através do método de improvisação. Os achados, via publicações no JMT, demonstram uma concentração do uso do método em uma população basicamente restrita aos transtornos do desenvolvimento e condição neurológica (autismo e deficiências).

MUSICOTERAPIA

CONCLUSÃO

Com esse estudo, a partir das análises dos artigos encontrados no JMT, podemos perceber que a improvisação é um método que deve ser mais investigado e utilizado pelos musicoterapeutas. Ao final desta revisão podemos perceber o quão importante é o uso do método da improvisação como facilitador na comunicação e expressão de sentimentos. No entanto, fica o convite para que

mais estudos sejam realizados visando a percepção acerca da utilização desse método com outras populações. Nota-se, através dessa revisão, que a musicoterapia improvisacional oferece material ao pesquisador que favorece o aprofundamento em questões ligadas à desenvolvimento cognitivo e emocional. Logo, fica a perspectiva de que um número maior de indivíduos poderá se beneficiar através de experiências improvisacionais em musicoterapia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIGEN, Kenneth. Verticality and containment in song and improvisation: An application of schema theory to nordoff-robbins music therapy. *Journal of Music Therapy*, 46(3), 2009, 238-267.

AIGEN, Kenneth. *Paths of development in Nordoff-Robbins Music Therapy*. Gilsum, NH: Barcelona Publishers, 1998.

AIGEN, Kenneth. *Here we are in music: One year with an adolescent creative music therapy group* (Nordoff-Robbins music therapy monograph series, vol. 2). St. Louis, MO: MMB Music, 1997.

ANSDELL, Gary. *Music for life: Aspects of creative music therapy with adult clients*. London: Jessica Kingsley Publishers, 1995.

BARCELLOS, Lia Rejane Mendes. *Cadernos de musicoterapia 1*. Rio de Janeiro: Enelivros, 1992.

BONNY, Helen L. *Facilitating GIM sessions*. Baltimore: ICM Books, 1978a.

BONNY, Helen L. *The role oftapedmusicprogramsfacilitating GIM sessions*. Baltimore: ICM Books, 1978b.

BRANDALISE, André. *Musicoterapia Músico-centrada: Linda 120 sessões*. São Paulo: Apontamentos, 2001.

BROTONS, Melissa; PICKETT-COOPER, Patty. Preferences of Alzheimer's disease patients for music activities: singing, instruments, dance/movement, games, and composition/improvisation. *Journal of Music Therapy*, 31(3), 1994, 220-233.

BRUSCIA, Kenneth. *Defining music therapy*. Barcelona Publisher, Lower Village, USA, 1998.

CARPENTE, John. *Contributions of Nordoff-Robbins music therapy within developmental, individual-differences, relationship based (DIR)/Floortime framework to the treatment of children with autism: four cases studies*. Unpublished doctoral dissertation, Temple University, PA, 2009.

EDGERTON, Cindy Lu. The effect of improvisational music therapy on the communicative behaviors of autistic children. *Journal of Music Therapy*, 31(1), 1994, 31-62.

GATTINO, Gustavo Schultz, RIESGO, Rudimar dos Santos; LONGO, Dănea; LEITE, Julio Cesar Loguercio & FACCINI, Lavina Schuler. Effects of relation music therapy on communication of children with autism: a randomized controlled study. *Nordic Journal of Music Therapy*, 20(2), 142-154, 2011.

GERETSEGGER, Monika; HOLCK, Ulla; BIELENINIK, Lucja; GOLD, Christian. Feasibility of a trial on improvisational music therapy for children with autism spectrum disorder. *Journal of Music Therapy*, 53(2), 2016, 93-120.

GERETSEGGER, Monika; HOLCK, Ulla; CARPENTE, JOHN A; ELEFANT, Co-chavit; KIM, Jinah; GOLD, Christian. Common characteristics of improvisational approaches in music therapy for children with autism spectrum disorder: Developing treatment guidelines. *Journal of Music Therapy*, 52(2), 2015, 258-281.

GILBOA, Avi; BODNER, Ehud. Emotional communicability in improvised music: The case of music therapists. *Journal of Music Therapy*, 43(3), 2006, 198-225.

GOODMAN, Karen D. *Music therapy education*. Illinois: Charles C. Publishers, 2011.

GUNSBERG, Andrew. Improvised musical play: A strategy for fostering social play between developmentally delayed and nondelayed preschool children. *Journal of Music Therapy*, 25(4), 1998, 178-191.

KIM, Youngshin. The effect of improvisation-assisted desensitization, and music-assisted progressive muscle relaxation and imagery on reducing pianists music performance anxiety. *Journal of Music Therapy*, 45(2), 2008, 165-191.

LEE, Colin. A method of analyzing improvisations in music therapy. *Journal of Music Therapy*, 37(2), 2000, 147-167.

LEE, Colin. *Music at the edge: music therapy experiences of a musician with AIDS*. London and New York: Routledge, 1996.

MADSEN, Clifford K; COTTER, Vance; MADSEN JR, Charles H. A behavioral approach to music therapy. *Journal of Music Therapy*, 5(3).

NORDOFF, Paul; ROBBINS, Clive. *Creative music therapy*. New York: John Day, 1977.

NORDOFF, Paul; ROBBINS, Clive. *Therapy in music for handicapped children*. London: Victor Gollancz, 1992.

ORSMOND, Gael I; MILLER, LEON K. Correlates of musical improvisation in children with disabilities. *Journal of Music Therapy*, 32(3), 1995, 152-166.

PAVLICEVIC, Mercedes. Improvisation in music therapy: Human communication in sound. *Journal of Music Therapy*, 37(4), 2000, 269-285.

PERRY, Mary M. Rainey. Relating improvisational music therapy with severely and multiply disabled children to communication development. *Journal of Music Therapy*, 40(3), 2003, 227-246.

PIAZZETTA, Clara Márcia. *Musicalidade Clínica em Musicoterapia: um estudo transdisciplinar sobre a constituição do musicoterapeuta como um ser 'musical-clínico'*. Dissertação (Mestrado) em Música pela EMAC-UFG. Março, 2006.

PRIESTLEY, Mary. *Essays on analytical music therapy*. Gilsum, NH: Barcelona Publishers, 1994.

TURRY, Alan. *The connection between words and music and music therapy improvisation: An examination of a therapist's method*. Unpublished doctoral dissertation, New York University, 2006.

MUSICOTERAPIA